

ilusão mortal

j. d. robb

Tradução de Patrícia Xavier

*Na visão apareceu um cavalo amarelo.
O seu cavaleiro chamava-se Morte,
E o Inferno seguia atrás dele.*

BÍBLIA SAGRADA



Gritai «Devastação!» e soltai os cães da guerra.

WILLIAM SHAKESPEARE

CAPÍTULO

1



Depois de um dia de loucos no escritório, nada aliviava a tensão como a *happy hour*. O bar On the Rocks, no Lower West Side de Manhattan, era frequentado por colarinhos brancos que queriam bebidas a metade do preço e bolinhos de arroz baratos, enquanto se queixavam dos seus chefes ou se atiravam a colegas.

E também por executivos que queriam beber uns *shots* perto do escritório antes de se deslocarem para os subúrbios.

Entre as quatro e meia e as seis da tarde, as mesas altas, as mesas baixas e os lugares ao balcão estavam repletos de executivos, administrativos, assistentes e secretários que formavam uma enchente à saída dos seus gabinetes e cubículos. Alguns iam ali parar como sobreviventes de um naufrágio. Outros davam à costa para se comprazerem na atmosfera vibrante. Outros ainda queriam apenas aninhar-se sozinhos no seu pedaço de território reclamado e beber para esquecer o dia.

Pelas cinco da tarde, o bar fervilhava como uma colmeia, e os empregados de balcão e de mesa andavam numa azáfama para servir aqueles que já tinham posto o dia de trabalho para trás das costas. A segunda daquelas bebidas a metade do preço tendia a melhorar os humores, e assim o riso, a conversa amistosa e os rituais de pré-acasalamento pontuavam o zunido.

Ficheiros, contas, desconsiderações e mensagens sem resposta eram esquecidos sob a acolhedora luz dourada, o tinir de copos e os amendoins salgados, que eram oferta da casa.

De vez em quando a porta abria-se para acolher mais um sobrevivente

do cruel mundo empresarial de Nova Iorque. O ar frio do outono chicoteava o interior, juntamente com uma explosão de ruído da rua. Depois, o bar tornava a ficar quentinho, mergulhado na sua luz dourada, e era de novo uma colmeia fervilhante.

A meio da *happy hour* (mais precisamente, noventa minutos, em tempo de bar), alguns clientes iam-se embora. Responsabilidades, famílias ou um encontro romântico impeliam-nos para estações de metro, elétricos aéreos, maxiautocarros, táxis. Os que ficavam recostavam-se para mais uma bebida, mais algum tempo com amigos e colegas, um pouco mais daquela luz quente e dourada, antes da claridade ou da escuridão.

Macie Snyder estava sentada a uma mesa alta, do tamanho de um prato, com o seu namorado de três meses e doze dias, Travis, a sua melhor amiga do trabalho, CiCi, e o amigo de Travis, Bren. Macie recorrera a estratégias e manobras de persuasão ao longo de semanas para juntar CiCi com Bren, tendo em vista saídas a quatro e conversas com a sua amiga a respeito dos rapazes. Eram um grupo animado e tagarela, sendo Macie, talvez, a mais feliz de entre eles.

CiCi e Bren tinham, definitivamente, *química* — era visível na sua linguagem corporal, nos olhares que trocavam —, e como CiCi lhe enviara algumas mensagens por baixo da mesa, Macie tivera a confirmação.

Quando pediram a segunda rodada, começaram a fazer planos para prolongar a noite com um jantar.

Depois de um sinal rápido a CiCi, Macie pegou na sua mala.

— Voltamos já.

Ziguezagueou por entre as mesas e resmungou quando alguém sentado ao balcão se levantou e a empurrou com o ombro.

— Anda — disse alegremente, e segurou a mão de CiCi enquanto desciam os degraus estreitos e se punham na fila, felizmente pequena, para a casa de banho.

— Eu disse-te!

— Eu sei, eu sei. Disseste que ele era encantador, e mostraste-me a sua fotografia, mas ele é muito mais giro em pessoa. E divertido! Os encontros às cegas costumam ser uma decepção, mas desta vez estou a adorar.

— Escuta o que vamos fazer. Convencemo-los a ir ao Nino's. Dessa forma, depois do jantar, nós vamos para um lado e tu tens de ir para o outro, a caminho de casa. Assim o Bren vai ter oportunidade de te acompanhar até casa, e podes convidá-lo a subir.

— Não sei. — Sempre hesitante no que tocava a encontros (razão pela

qual não tinha um namorado há três meses e doze dias), CiCi mordeu o lábio inferior. — Não quero apressar as coisas.

— Não tens de dormir com ele. — Macie revirou os olhos redondos e azuis. — Oferece-lhe só um café, ou mais um copo. Podem divertir-se um bocadinho.

Entrou na cabina mais próxima. Tinha *mesmo* de fazer xixi.

— Envia-me uma mensagem quando ele se for embora, para me contares *tudo*. Quero pormenores.

Dirigindo-se para a cabina do lado, CiCi fez xixi solidariamente.

— Talvez. Vamos ver como corre o jantar. Talvez ele não me queira levar a casa.

— Vai querer. Ele é um querido. Não ia tentar juntar-te com um idiota, CiCi. — Macie foi até ao lavatório, cheirou o sabonete líquido de pêssego e fez um sorriso rasgado à sua amiga, quando CiCi se pôs ao seu lado. — Se resultar, vai ser o máximo. Podemos sair os quatro.

— Gosto mesmo dele. Fico um bocadinho nervosa quando gosto dum tipo.

— Ele também gosta de ti.

— Tens a certeza?

— Absoluta — garantiu-lhe Macie, penteando o seu cabelo louro curto enquanto CiCi retocava o batom. Que raio, pensou, subitamente irritada. Teria de apaparicar e confortar CiCi toda a noite?

— És bonita, esperta e divertida. — *Não ando com parvas*, disse Macie para consigo. — Porque não havia ele de gostar de ti? Caramba, CiCi, relaxa e para de te lamentar. Não te faças de virgem nervosa.

— Não estou a...

— Queres dar uma queca ou não? — disse Macie, rispidamente, deixando CiCi boquiaberta. — Tive muito trabalho a preparar isto, agora vais estragar tudo.

— Eu só...

— Merda. — Macie esfregou a têmpora. — Estou a ficar com dor de cabeça.

E devia ser uma dor de cabeça má, supôs CiCi. Macie nunca dizia coisas desagradáveis. E, bem, talvez ela estivesse a fazer-se de virgem nervosa. Um bocadinho.

— O Bren tem um sorriso lindo. — Os olhos de CiCi, de um verde luminoso sobre a pele cor de caramelo, encontraram os de Macie no espelho estreito. — Se ele me acompanhar a casa, convido-o a subir.

— Assim é que se fala.

Saíram da casa de banho. Parecia haver mais ruído do que antes, pensou Macie. As vozes, o tinir dos pratos, o arrastar das cadeiras intensificavam-lhe a dor de cabeça.

Disse para consigo, num tom algo severo, que tinha de abrandar na bebida.

Alguém lhe bloqueou a passagem, por um segundo, quando passavam junto ao balcão. Irritada, Macie virou-se e empurrou o homem, mas ele já estava a caminho da porta, murmurando um pedido de desculpa.

— Imbecil — resmungou Macie, e teve, pelo menos, a oportunidade de lhe rosnar quando ele olhou para trás e lhe sorriu antes de sair.

— O que foi?

— Nada. Era só um idiota.

— Estás bem? Devo ter um analgésico, se precisares. Também me dói um pouco a cabeça.

— Tudo tem que ver contigo — balbuciou Macie, depois respirou fundo para se acalmar. Eram boas amigas, lembrou a si própria. Passavam bons momentos juntas.

Quando voltou a sentar-se, Travis segurou-lhe a mão, como costumava fazer, e piscou-lhe o olho.

— Queremos ir ao Nino's — anunciou Macie.

— Estávamos a pensar em ir ao Tortilla Flats. Para o Nino's é preciso reserva — lembrou-lhe Travis.

— Não queremos porcaria mexicana. Queremos ir a um sítio decente. Caramba, dividimos a conta se for caso disso.

Travis uniu as sobrancelhas, uma linha fina a dividi-las, como fazia sempre que ela dizia algo estúpido. Macie *odiava* quando ele fazia aquilo.

— O Nino's fica a doze quarteirões daqui. O restaurante mexicano é praticamente ao virar da esquina.

Tão zangada que as suas mãos começavam a tremer, ela aproximou a cara da dele.

— Estás com pressa? Porque não podemos fazer o que *eu* quero, para variar?

— Estamos a fazer uma coisa que tu queres agora mesmo.

As suas vozes tornaram-se gritos, misturando-se com as vozes ríspidas que os cercavam. Sentindo a cabeça a latejar, CiCi olhou para Ben.

Ele continuava sentado, os dentes à mostra, numa expressão feroz, e olhava fixamente para o copo, balbuciando algo.

Não era encantador. Era horrível, assim como Travis. Feio, feio. Só queria comê-la. Havia de a violar se ela dissesse que não. Havia de a espancar e de a violar à primeira oportunidade. Macie sabia-o. *Sabia-o* e havia de se rir disso.

— Vão-se lixar — disse CiCi, entre dentes. — Vão-se todos lixar.

— Para de me olhar assim — gritou Macie. — Tarado.

Travis deu um murro na mesa.

— Fecha a porra da boca.

— Para, já te disse! — Pegando num garfo, Macie deu um grito. E espetou os dentes do garfo no olho de Travis.

Ele soltou um uivo de dor, um som que rasgou o cérebro de CiCi, enquanto ele saltava da cadeira e se lançava sobre a sua amiga.

E o banho de sangue começou.

A tenente Eve Dallas observava a carnificina. Havia sempre algo de novo, pensou. Sempre algo mais terrível do que até um polícia era capaz de imaginar.

Até para uma veterana inspetora de homicídios, imersa na fervilhante Nova Iorque daquele último trimestre do ano 2060, havia sempre algo pior.

Corpos boiavam num mar de sangue, álcool e vomitado. Alguns caídos como bonecas de trapos sobre o longo balcão, outros enroscados como gatos medonhos debaixo de mesas partidas. Pedacos denteados de vidro cobriam o chão, brilhavam como diamantes mortíferos no que restava das mesas e cadeiras — ou atravessavam corpos ensanguentados.

O fedor coagulava o ar, fazendo-a pensar em velhas fotografias que vira de campos de batalha onde nenhum dos lados podia reclamar vitória.

Olhos esburacados, caras cortadas, gargantas rasgadas, cabeças espancadas com tal violência que se viam pedaços de crânio e cérebro — tudo criava a impressão de uma batalha travada e perdida. Algumas vítimas estavam nuas, ou quase, a carne exposta pintada com sangue, como guerreiros de tempos antigos.

Eve mantinha-se imóvel, à espera de que a primeira onda de choque passasse. Tinha-se esquecido de que ainda podia ficar chocada. Virou-se, alta e esguia, os olhos castanhos inalterados, para o polícia experiente que fora o primeiro a chegar ao local do crime.

— O que sabemos?

Ouviu-o respirar por entre os dentes, deu-lhe tempo.

— Eu e o meu parceiro estávamos na nossa pausa, no café do outro lado

da rua. Quando saí, avistei uma mulher, perto dos trinta anos, a recuar da porta do local. Aos gritos. Ainda estava a gritar quando a alcancei.

— Que horas eram?

— Fizemos a pausa às 17h45. Acho que não estivemos mais de cinco minutos no café, tenente.

— Certo. Continue.

— A mulher tinha um discurso incoerente, mas apontava para a porta. Enquanto o meu parceiro tentava acalmá-la, eu entrei. — O agente interrompeu-se, pigarreou. — Tenho vinte e dois anos de serviço, tenente, e nunca vi nada assim. Corpos por toda a parte. Alguns ainda estavam vivos. Rastejavam, choravam, gemiam. Reportei a situação, liguei para a emergência médica. Era impossível preservar o local, tenente. Havia gente a morrer.

— Entendido.

— Vieram oito, talvez dez... paramédicos, tenente. Peço desculpa, não sei o número certo. As vítimas estavam em muito mau estado. Os paramédicos socorreram algumas pessoas aqui, transportaram todos os sobreviventes para o Tribeca Health Center. Nessa altura isolámos o local. Os paramédicos estiveram por todo o lado, tenente. Encontrámos mais vítimas nas casas de banho, e lá atrás, na cozinha.

— Conseguiram questionar sobreviventes?

— Temos alguns nomes. Os que estavam capazes de falar disseram todos basicamente a mesma coisa. As pessoas estavam a tentar matá-los.

— Que pessoas?

— Tenente? Toda a gente.

— Muito bem. Vamos manter toda a gente fora daqui, por agora. — Acompanhou o agente à porta.

Avistou a sua parceira. Despedira-se de Peabody menos de uma hora antes. Eve ficara na Central a pôr a papelada em dia. Estava a caminho do parque de estacionamento quando recebera a chamada.

Desta vez, pelo menos, lembrara-se de enviar uma mensagem a Roarke, o seu marido, a avisá-lo de que chegaria mais tarde do que o previsto.

De novo.

Dirigiu-se para a porta e intercetou a sua parceira.

Sabia que Peabody era forte, resiliente, apesar das botas cor-de-rosa de *cowgirl*, dos óculos de sol com efeito arco-íris e do rabo de cavalo curto a balouçar. Mas o que estava daquele lado da porta abalara Eve, e abalara um agente com mais de vinte anos de serviço pesado.

— Quase consegui — disse Peabody. — Passei pelo mercado a caminho

de casa. Tinha pensado fazer uma surpresa ao McNab, com uma refeição caseira. — Abanou um pequeno saco de compras. — Ainda bem que não tinha começado. O que nos calhou?

— É mau.

A expressão descontraída de Peabody esvaneceu-se, deixando-lhe o rosto frio.

— Quão mau?

— Pede a Deus que nunca tenhas de ver pior. Múltiplos corpos. Esfaqueados, despedaçados, espancados, tudo e mais alguma coisa. Coloca o selante. — Atirou a Peabody uma lata de *Seal-it*, do *kit* que levava para o terreno. — Larga esse saco e prepara-te. Se precisares de vomitar, sai. Já há vomitado que chegue lá dentro, não quero o teu à mistura. A cena do crime está lixada. Nada a fazer. A equipa médica e os agentes tiveram de socorrer os sobreviventes, trataram alguns no local.

— Eu aguento-me.

— A gravar. — Eve voltou-se para o interior.

Ouviu o arquejo sufocado de Peabody, a respiração entrecortada.

— Valha-me Deus. Meu Deus, meu Deus.

— Controla-te, Peabody.

— Que raio aconteceu aqui? Todas estas pessoas...

— Isso é o que vamos descobrir. Está uma testemunha no carro-patrulha. Pede-lhe o depoimento.

— Eu consigo lidar com isto, Dallas.

— Vais ter de lidar. — Eve mantinha a voz tão imperturbável como os seus olhos. — Trata do depoimento, chama o Baxter, o Trueheart, o Jenkinson, o Reineke. Precisamos de mais mãos, mais olhos. À primeira vista, temos mais de oitenta corpos, e oito a dez sobreviventes no hospital. Quero o Morris no local — acrescentou, referindo-se ao médico-legista-chefe. — A equipa fofoque que espere até observarmos os corpos. Localiza o proprietário e todos os empregados que não estavam de serviço esta noite. Forma uma equipa para recolher informações porta a porta. Depois, volta para aqui e ajuda-me a analisar a cena do crime.

— Se falares tu com a testemunha, posso tratar do resto. — Peabody olhou em redor, tentando perceber se teria o estômago controlado. — Não podes começar isto sozinha.

— Um corpo de cada vez. Vai. Põe as coisas em andamento.

Eve ficou sozinha com aquele silêncio terrível, o ambiente doentio.

Era uma mulher alta, com botas que mostravam algum uso e um bom

casaco de pele. O cabelo, curto e ondulado, espelhava o tom castanho-dourado dos olhos. A boca rasgada tinha agora uma expressão firme, enquanto Eve se detinha por um instante, apenas um instante, para bloquear a paixão e o horror que tentavam vir à superfície.

As pessoas que tinha à sua frente precisavam de mais do que a sua paixão, precisavam de melhor do que o seu horror.

— Dallas, tenente Eve — começou. — Estimativa visual de mais de oitenta vítimas, ferimentos múltiplos e diversos. Ambos os sexos, múltiplas raças, intervalo de idades desconhecido. A cena do crime foi comprometida pela equipa de emergência médica ao tratar e ao remover os sobreviventes. Cadáveres e sobreviventes foram descobertos por agentes da Polícia por volta das 17h50. Vítima número um — disse, agachando-se e abrindo o *kit*.

— Sexo masculino — continuou —, traumatismo profundo no rosto e na cabeça, cortes menores a profundos na cara, pescoço, mãos, braços, ventre. — Pressionou os dedos da vítima no seu leitor. — Vítima número um identificada como Cattery, Joseph, homem de raça mista, trinta e oito anos de idade. Casado, dois filhos, sexo masculino e feminino. Morada de Brooklyn. Empregado como diretor-adjunto de *marketing*, na Stevenson & Reede. Fica a dois quarteirões daqui. Vieste tomar um copo, Joe?

» Pele sob as unhas. — Eve colheu uma pequena amostra antes de selar os dedos. — Tem uma aliança de ouro, um relógio de pulso de ouro. Pasta com nome gravado. Cartões de crédito, algum dinheiro, identificação. Chaves digitais, *link* de bolso.

Eve colocou os pertences num saco, que depois selou e rotulou com gestos precisos, e observou Joseph Cattery.

Levantou-lhe o lábio superior.

— Dentes partidos. Foi atingido com força na cara. Mas foi, provavelmente, o golpe na cabeça que o matou. A confirmar pelo médico-legista. — Eve pegou num dispositivo. — Hora do óbito, 17h45. Cinco minutos antes de o primeiro agente chegar ao local.

Cinco minutos?, pensou Eve. Cinco minutos antes de o agente ter aberto a porta. Qual era a probabilidade?

Eve teve apenas de se virar para prosseguir.

— Vítima número dois — começou.

Tinha identificado e examinado cinco corpos quando Peabody regressou.

— A equipa está a caminho — disse Peabody, agora segura de si. — Tenho as informações da testemunha. Segundo o seu depoimento, vinha

encontrar-se com amigos aqui, e chegou atrasada. Não conseguiu sair do emprego mais cedo. Falou com uma das vítimas, Gwen Talbert, por volta das 17h30. Confirmei pelo *link* da testemunha. Estava tudo bem. Ela chegou cerca de vinte minutos depois e deparou-se com isto. Já tinha acontecido quando ela abriu a porta, Dallas. Entrou em pânico, saiu aos tropeções, gritou, e continuou a gritar até os agentes Frank e Riley chegarem junto dela.

— Talbert, Gwenneth, vítima número três. Braço partido, parece ter sido espezinhado. Garganta cortada.

— Como pôde isto acontecer em vinte minutos? Menos. Como é possível todos os indivíduos de um bar serem atacados e chacinados em menos de vinte minutos?

Eve endireitou-se.

— Olha em volta, Peabody. Examinei cinco cadáveres, e creio que cada uma destas pessoas foi morta com uma arma que estava à mão. Vidro partido, garrafa de álcool, faca de cozinha, as mãos de alguém. Está ali um tipo com um garfo espetado no olho esquerdo, uma mulher ainda agarrada à perna da mesa partida com que parece ter espancado até à morte o tipo estendido ao lado.

— Mas...

Por vezes, a explicação mais simples, por muito terrível que fosse, era verdadeira.

— Há pastas, malas, joias e dinheiro espalhados por toda a parte. Há garrafas de bebida atrás do bar. Um gangue de drogados que enlouqueceu? Não teriam saído daqui em vinte minutos, e teriam levado valores para comprar mais porcaria. Um bando de assassinos a divertir-se? Teriam trancado a porta e feito uma festa a seguir. Além disso, seria preciso um gangue bem numeroso do que quer que fosse para massacrar mais de oitenta pessoas e ferir outras dez. Ninguém sai, ninguém se esconde, ninguém consegue pegar no *link* para pedir ajuda? — Eve abanou a cabeça. — E depois de cometer atos como estes, fica-se coberto de indícios. O Frank tinha sangue no uniforme, nos sapatos, nas mãos, e só ajudou os paramédicos.

Eve fitou a sua parceira estupefacta.

— Estas pessoas mataram-se umas às outras, Peabody. Travaram uma batalha, e todas perderam.

— Mas... como? Porquê?

— Não sei. — Mas havia de descobrir, raios. — Precisamos de um exame toxicológico a cada vítima. O que ingeriram. Quero a equipa forense a

inspecionar cada centímetro do bar. Algo na comida, na bebida. Manipulação de um produto, talvez. Temos de verificar.

— Não podem ter comido ou bebido todos a mesma coisa.

— Uma boa quantidade de alguma coisa, ou de várias coisas, foi manipulada. Começamos pelas vítimas. Identificação, causa da morte, hora da morte, relações entre si. Onde trabalham, onde vivem. E a cena do crime, todo e qualquer vestígio. Levamos cada copo, garrafa, prato, os frigoríficos, os AutoChefs, o grelhador, tudo, para o laboratório, ou trazemos o laboratório para aqui. Inspecionamos a ventilação, a água, os produtos de limpeza.

— Se foi algo desse tipo, pode ainda estar aqui. Tu tens estado aqui.

— Sim, pensei nisso depois de examinar os primeiros dois corpos. Liguei para o hospital, falei com os médicos que trataram os sobreviventes. Estão bem. O que quer que tenha acontecido, aconteceu depressa. Aquela janela de vinte minutos. Já passei aqui bastante mais do que isso.

» A ingestão é o mais provável — considerou. — Mesmo que só metade deles tenha sido afetada, pode ter apanhado a outra metade de surpresa. — Eve olhou para as suas mãos seladas, agora manchadas de sangue fresco. — Não me agrada, mas é uma teoria. Vamos examinar os corpos.

Eve acabara de falar quando a porta se abriu. Era Morris.

Como trazia calças de ganga e uma camisola acetinada, da cor de ameixas maduras, em vez de um dos seus fatos elegantes, Eve assumiu que ele não estava de serviço. O cabelo, puxado para trás num rabo de cavalo reluzente, deixava-lhe o rosto anguloso exposto. Eve viu como os seus olhos, escuros como o cabelo, percorriam a sala, momentaneamente assolados pelo choque e pela compaixão.

— Arranjaste-me uma multidão.

— Alguém arranjou — começou Eve. — Eu... — Interrompeu-se ao ver Roarke entrar atrás de Morris.

Ainda trazia o mesmo fato que o vira vestir pela manhã no quarto: de um preto intenso, formal, a combinar na perfeição com o seu corpo alto, atlético. O cabelo preto farto tocava-lhe ao de leve os ombros, ligeiramente despenteado, como se o vento o tivesse atravessado.

Se o rosto de Morris era interessante, estranhamente *sexy*, o de Roarke era... o de Roarke. Inacreditavelmente bonito, esculpido pela mão forte de um qualquer deus talentoso, tornado perfeito pelos olhos de um azul límpido e brilhante.

Os dois homens estavam lado a lado e, por um instante em que tudo

ficou imóvel, Eve leu o mesmo choque e a mesma compaixão na cara de Roarke, seguidos de uma raiva súbita, mortífera.

Os olhos dele encontraram os seus.

— Tenente. — Mesmo com a raiva a ferver sob a palavra, o sotaque irlandês era perceptível.

Eve foi ao encontro dele, nem para o cumprimentar, nem para lhe bloquear a vista (seria impossível, de qualquer modo, e ele já vira uma boa dose de horrores na sua vida). Mas ela era a responsável pela investigação, e aquele não era lugar para civis ou para maridos.

— Não podes estar aqui.

— Posso, sim — corrigiu ele. — O bar é meu.

Eve devia ter calculado. O homem era dono da maior parte do mundo, e de metade do universo a que o mundo pertencia. Sem uma palavra, Eve lançou um olhar severo a Peabody.

— Desculpa. Esqueci-me de te dizer que descobri o Roarke quando procurei o proprietário.

— Vou precisar de falar contigo, mas vou precisar do Morris primeiro. Podes esperar lá fora.

A raiva na cara dele dera lugar a uma expressão fria e dura.

— Não vou esperar lá fora.

Ela compreendia, e bem gostaria que não fosse assim. Nos dois anos e meio que tinham passado juntos, ele fizera-a compreender mais do que seria confortável para um polícia. Reprimiu a vontade de lhe tocar (nada profissional da sua parte) e baixou a voz.

— Escuta, isto está uma maldita confusão.

— Consigo perceber isso sozinho.

— Preciso que te afastes.

— Nesse caso, é o que vou fazer. — Obviamente, Roarke não achava que tocarem-se fosse falta de profissionalismo, já que lhe segurou a mão e a apertou na sua, apesar do sangue. — Mas não vou ficar lá fora enquanto vives este pesadelo num sítio que me pertence.

— Espera. — Eve voltou-se para Morris. — Numerei os corpos, os que já identifiquei e examinei. Podes começar pelo número um que eu já vou ter contigo.

— Claro.

— Tenho mais homens a caminho, devem estar a chegar. Vamos ter mais mãos e olhos para examinar o local e as vítimas.

— Bem, ao trabalho.

— Vou deixar-te com a Peabody — disse Eve a Roarke. — Podes ajudá-la com o sistema de segurança até a DDE¹ chegar.

— Posso dizer-te que não há aqui câmaras. As pessoas que vêm tomar um copo a um sítio como este não se sentem confortáveis com câmaras.

Não, pensou Roarke, queriam relaxar, talvez passar um momento em privado com alguém. Não queriam ser filmadas. Não estavam à espera de morrer num banho de sangue.

— Temos o habitual à entrada — continuou —, e o habitual, mais uma vez, quando o estabelecimento está fechado. Mas não temos câmaras aqui dentro, nada que nos mostre o que aconteceu aqui, ou como aconteceu.

Visto que não detetara câmaras no interior, Eve calculara que assim fosse, mas esfregou os olhos, tentando pensar.

— Precisamos de uma lista de funcionários, de um horário com os turnos.

— Tenho tudo comigo. Quando fui contactado, tratei disso. — Mais uma vez, olhou em redor, tentando compreender o que não se podia imaginar, tentando aceitar o que não devia ser real. — Comprei este sítio há poucos meses, mas não fiz grandes mudanças. Tudo corre... corria tranquilamente, tanto quanto sei. Mas vou saber mais.

— Sim. Dá a informação que tiveres à Peabody. Preciso de trabalhar com o Morris.

— Eve. — Segurou de novo na mão dela, e desta vez Eve leu-lhe no olhar mais tristeza do que raiva. — Dá-me uma tarefa, por amor de Deus. Põe-me a fazer alguma coisa. Não conheço estas pessoas, nem sequer as que trabalhavam para mim, mas tenho de fazer alguma coisa.

— Ajuda a Peabody — disse Eve. — Comecem pelos *links* das vítimas. Vejam se houve transmissões depois de isto ter começado. Temos o intervalo de tempo. Vê se há algum vídeo, algum áudio durante aquela janela de vinte minutos.

— Vinte? Isto aconteceu em vinte malditos minutos?

— Menos do que isso, esta é uma estimativa por cima. A Peabody que venha ter comigo quando a DDE chegar. Podes trabalhar com eles. Eu tenho de continuar.

Dirigia-se para junto de Morris quando Jenkinson e Reineke entraram. Desviou-se para ir ao encontro deles, para os pôr ao corrente, e fez o mesmo à chegada de Baxter e Trueheart.

Quando chegou junto de Morris, ele já ia na terceira vítima.

¹ Divisão de Detecção Eletrónica. (N. de T.)

— Preciso de os levar, Dallas. Há ferimentos defensivos, ferimentos ofensivos, toda uma variedade de ambos e de causas da morte. As horas da morte, para os primeiros três, têm apenas minutos de diferença.

— Aconteceu tudo depressa. Em menos de vinte minutos. Uma das vítimas falou com uma amiga que se tinha atrasado, e tudo estava bem, normal. A amiga chegou aqui cerca de vinte minutos mais tarde e deparou-se com isto.

— Fizeram isto uns aos outros. Pelo que vi até agora, atacaram-se e mataram-se uns aos outros.

— É o que eu acho. Algum tipo de veneno, alucinogénio, uma porra duma nova droga de raiva. Nas bebidas? Na comida? No sistema de ventilação? São mais de oitenta mortos, Morris, e, até agora, um punhado de sobreviventes no hospital.

— Usaram o que tinham à mão: vidro partido, garfos, facas, mobília, as próprias mãos.

— Há mais lá em baixo, na zona da casa de banho, e nas traseiras, na cozinha, por isso não ficou confinado a este espaço. Mas não vejo indícios de que alguém tenha saído, não há sinais de violência lá fora.

— Considera isso uma bênção. Vou pôr uma equipa a transportar os corpos à medida que os for avaliando, e vamos apressar os exames toxicológicos.

— Vou ter contigo quando terminar aqui, depois de falar com os sobreviventes.

— Temos todos uma longa noite pela frente.

— E a comunicação social não vai tardar a cair-nos em cima. Vou pedir um Código Azul, mas não acredito que o bloqueio dos *media* impeça as fugas de informação. Não numa coisa assim. Vamos procurar respostas.

Eve endireitou-se.

Eram demasiadas pessoas, pensou. Demasiados mortos e demasiados polícias a trabalhar no mesmo espaço. Podia confiar na equipa que reunira, mas, sendo tantas as mãos, era provável que uma cometesse um erro.

Viu Feeney, capitão da DDE e seu antigo parceiro, com uma explosão de cabelo ruivo crespo a rodear-lhe a cara triste, junto de Roarke. Eles haviam de encontrar o que pudesse ser encontrado.

Eve tinha começado a descer as escadas quando McNab, craque da DDE e amor da vida de Peabody, começava a subi-las. As suas calças de um azul brilhante, carregadas de bolsos com aplicações prateadas, contrastavam espetacularmente com o horror daquele cenário. McNab podia trazer meio

milhão de argolas reluzentes ao longo da orelha, mas a sua cara bonita tinha uma expressão dura, e ninguém duvidaria de que ele era polícia.

— Encontrei uma coisa. — McNab tinha um *link* numa mão, sacos selados com mais *links* na outra. — Uma vítima na casa de banho das senhoras, o Trueheart fez a identificação. Wendy McMahon, vinte e três anos.

— Ela fez uma chamada.

— Sim. Às 17h32 ligou à irmã, começou por lhe falar dum tipo que tinha conhecido lá em cima, um Chip, toda contente e divertida nos primeiros trinta segundos. Depois diz que está a ficar com uma dor de cabeça, e às 17h33 está a atacar a irmã, a chamar-lhe galdéria. A irmã desliga, mas ela continua a refilar. É uma conversa louca, Dallas, e quando outra mulher entra aos gritos, dá para ouvi-las a discutir e, depois, vemo-las a lutar quando a McMahon deixa cair o *link*. Não vejo a segunda mulher aqui em baixo, por isso ou ela matou a McMahon e seguiu caminho, ou conseguiu fugir. O *link* desligou-se ao fim de trinta segundos sem transmissão, o habitual.

Doze minutos, pensou Eve. Doze minutos desde o primeiro sinal de problemas até à morte da Vítima Um.

— Vamos levar para a Central esse *link*, e outros que tenham transmissões.

— Há mais alguns. Devemos conseguir juntar os vídeos, para não teres de ver cada um num dispositivo. Não vai demorar muito, e vai poupar-te tempo. Ainda tenho muitos para verificar.

— Continua à procura.

Eve passou por cima do corpo ao fundo das escadas, viu que já tinha sido identificado e etiquetado. Trueheart continuava a examinar o espaço. Baxter dera-lhe aquela tarefa para o jovem agente não ter de lidar com tanta desgraça, calculou Eve.

Subiu as escadas e foi ao encontro de Roarke.

— Fica com a DDE.

— Estamos a encontrar transmissões em alguns *links*.

— O McNab contou-me. Depois de falar com os sobreviventes, vou para a Central. A equipa pode terminar os trabalhos aqui. Vamos fechar o estabelecimento, Roarke, por um período indeterminado.

— Entendido.

— Peabody — chamou Eve. — Comigo. O resto da equipa vai identificar e registar cada corpo, cada *link*, cada arma e todos os pertences das vítimas. Baxter, preciso de uma lista de todas as vítimas na minha secretária logo que possível. Vamos fazer notificações esta noite. Quero os discos da câmara à entrada. Jenkinson, alarga a investigação porta a porta para um perímetro

de quatro quarteirões. Morris, envia as roupas de todas as vítimas para o laboratório e pede para ser a Harpo a analisar as fibras. É preciso transportar toda a comida e bebida para o laboratório, com a indicação de que pode conter tóxicos.

Fez uma pausa, olhando em redor. Sim, podia confiar em todos eles.

— Reunião com toda a equipa na Central. — Viu as horas, fez um cálculo. — Às 22h30. Vou pedir um Código Azul, por isso, nada de conversa. Considerem-se a trabalhar neste caso até indicação em contrário.

Olhou uma última vez para Roarke e saiu, ao encontro do ar frio e do abençoado ruído da cidade.

— Para o hospital — disse a Peabody. — Vamos ver se algum dos sobreviventes consegue falar connosco. Conduz tu.

Sentou-se no lugar do passageiro, respirou fundo. Depois tirou o comunicador e contactou o seu comandante.

CAPÍTULO

2



Eve odiava hospitais, sempre odiara. O facto de saber que a paranoia remontava ao dia em que, ainda criança, acordara num hospital em Dallas, espancada, violada, quebrada, não resolvia o problema. Para ela, hospitais, centros de saúde, clínicas, até batatas de paramédicos, tudo carregava o mesmo cheiro. O cheiro de dor e medo subjacente.

Eve vivia com essa intensa aversão, e com a realidade de o seu trabalho a levar tantas vezes a instalações médicas, de uma forma ou de outra.

Calculava que um Serviço de Urgência nunca podia ser agradável, mas estava certa de que aquela noite seria pior do que o habitual, tendo-se os médicos deparado com dez feridos graves de uma só vez.

Eve avançou por entre gemidos e sofrimento, olhos vidrados e exaustos, o fedor de suor febril e náusea, e agarrou uma enfermeira. As carinhas sorridentes na parte superior do uniforme contrastavam severamente com a expressão sombria da mulher.

— Tem de ficar sentada. Atendemo-la logo que possível.

Eve ergueu o distintivo. Pelo canto do olho, viu um homem magricela com tremores que sugeriam falta de droga. O homem deslizou da sua cadeira e dirigiu-se para a porta.

— Deram aqui entrada dez feridos há cerca de noventa minutos. Preciso de os ver, de falar com eles.

— Aguarde — ordenou a enfermeira, e afastou-se a passos largos com a sua camisa repleta de sorrisos estranhamente alegres.

Passados instantes, Eve estava frente a frente com um homem quase tão

magro como o toxicodependente que se afastara. Usava uma bata e parecia sofrer de uma profunda fadiga.

— Doutor Tribido. — A entoação vagamente musical não escondia a fadiga.

— Tenente Dallas, inspetora Peabody. Preciso de falar com as minhas vítimas.

— Deram entrada dez. Uma chegou já sem vida, duas morreram dos ferimentos. Temos neste momento três no bloco operatório, outra a ser preparada para cirurgia, e mais uma em coma.

— Quem são as outras duas?

— A Três e a Quatro estão na sala de observação.

— Começo por aí.

— Acompanhem-me. A Número Três tem uma tíbia fraturada, três dedos fraturados, uma concussão, ferimentos faciais, múltiplos golpes por esfaqueamento, que os paramédicos trataram no local. A maior parte dos golpes foram menores, comparativamente. Foi uma das sortudas.

— Tem um nome?

— CiCi Way. Está bastante lúcida, conseguiu dizer-nos o seu nome, a morada e a data, mas não como tinha ficado ferida. Não temos mais informações, tenente. Que raio aconteceu?

— É o que vou descobrir.

Seguiu o médico, passando as portas de vaivém e entrando na sala onde uma enfermeira verificava o soro de CiCi Way.

A mulher deitada na marquesa tinha os olhos fechados. Não devia conseguir abrir o esquerdo, ainda que tentasse, pensou Eve. Não com aquele inchaço terrível. Tinham-lhe coberto a cara de gel e emplastros de *Nu Skin*, deixando-a brilhante como uma máscara oleada.

Isto fazia CiCi parecer ainda mais vitimizada.

Uma camada fina de gesso envolvia-lhe a mão e o braço direitos. Por cima da camisa de hospital, com um triste estampado de flores, e ao longo do braço que não estava partido, viam-se arranhões profundos e feridas acabadas de tratar.

Tribido fez sinal à enfermeira e aproximou-se da sua paciente.

— CiCi? É o doutor Tribido. Lembra-se de mim?

— Eu... — O olho dela espreitou por uma fenda, movendo-se nervosamente para trás e para a frente sob a pálpebra roxa. — Sim. Acho que sim. Hospital? Estou no hospital.

— É isso mesmo, e está a recuperar bem.

— A Macie? A Macie está aqui?

— Vou verificar. — A voz do médico, impaciente de exaustão, conseguiu soar firme e delicada. — Está aqui uma agente da Polícia para falar consigo. Pode ser?

— Polícia? A Polícia? Por causa do acidente? A Polícia apareceu, ou talvez eu tenha sonhado. O agente disse que eu ia ficar bem.

— Exato. Vai ficar bem. Estou mesmo aqui fora, se precisar de mim.

— A Macie. — A voz dela tornou-se mais aguda, e sufocada. — A Macie vai ficar bem? E, e o Travis. E... não consigo lembrar-me.

— Não faz mal. Vá com calma. — Tribido voltou-se para Eve e falou em voz baixa. — Ela perguntou pela Macie de todas as vezes que despertou. Mencionou também um Travis e, por vezes, alguém chamado Bren. Acordou a gritar uma ou duas vezes. Demos-lhe um sedativo ligeiro para as dores e para a manter tão calma quanto possível. Está lúcida, como eu disse, mas confusa em relação a tudo o que se passou desde que entrou naquele bar. Ia sentir-se melhor se conseguíssemos localizar essa tal Macie.

Não, pensou Eve, duvidava que a mulher se sentisse melhor se soubesse que Macie Snyder estava a caminho da morgue.

— Não vamos desestabilizá-la — foi tudo o que Eve disse.

Posicionou-se de um dos lados da marquesa.

— Sou a tenente Dallas e esta é a minha parceira, a inspetora Peabody. O que lhe aconteceu, CiCi?

— Fiquei ferida.

— Eu sei. Quem a feriu?

Aquele único olho retomou o seu movimento receoso.

— Não sei. Tem de encontrar a Macie.

— É sua amiga — disse Peabody, num tom tranquilizante.

— Sim. Trabalhamos juntas na Stuben-Barnes. E somos amigas.

— Foi ao On the Rocks com a Macie — perguntou Eve — depois do trabalho?

— Hum. — O olho bom girou outra vez, depois focou Eve. — Sim. É isso. Trabalhamos juntas e somos amigas. Eu e a Macie. Ela namora com o Travis. Têm uma relação séria. A Macie está a pensar ir viver com ele.

— Então, foram as duas tomar uma bebida depois do trabalho. Passar tempo juntas.

— Acho que sim. Sim. Eu e a Macie, uma bebida. É um bar simpático, e têm uma *happy hour* fantástica. Gosto especialmente dos nachos. Tem de

se usar um garfo porque são tão... — A voz dela tremeu, e uma espécie de terror brilhou-lhe no olho. — Fica perto do trabalho. A Macie está bem?

— É bom ter uma amiga com quem sair — comentou Peabody.

— Ela é divertida. A Macie. Às vezes vamos às compras, quando não estamos a trabalhar.

— Mas esta noite foram tomar um copo ao On the Rocks — insistiu Eve.

— O Travis foi lá ter connosco, com um amigo. Era uma espécie de encontro às cegas para mim.

— Pode dizer-nos os apelidos da Macie e do Travis?

— Oh. Oh. Não me ocorreu. Precisa dos seus nomes completos para os encontrar. Macie Snyder e Travis Greenspan. Tenho fotografias no meu *link*! Posso mostrar-lhe fotografias. Não sei onde está o meu *link*.

— Não se preocupe com isso agora. Então, estavam os quatro juntos, a tomar uma bebida.

— Estávamos na segunda bebida. O Bren é muito giro. O Bren! — O olho dela esbugalhou-se e tornou a fechar-se, e uma pequena lágrima rolou-lhe pela cara. — Agora me lembro. Brendon Wang. Ele trabalha com o Travis, e o Travis e a Macie estavam a tentar juntar-nos. A imagem dele agora não está muito clara na minha mente. — Olhou para Eve com uma expressão exausta, comovente. — Lamento. Dói-me a cabeça. Estou agoniada. — Fechou novamente o olho.

Eve aproximou-se um pouco mais.

— CiCi, olhe para mim. Olhe para mim agora. De que é que tem medo?

— Não sei. Estou ferida.

— Quem a feriu?

— Não sei! Será que fomos jantar? — Os dedos dela puxaram o lençol, torceram-no. — Íamos jantar. A Macie queria ir ao Nino's, mas... Fomos jantar?

— Não. Ficaram no bar.

— Não quero estar no bar. Quero ir para casa.

— O que aconteceu no bar?

— Não faz sentido.

— Não tem de fazer — disse Peabody, na sua voz calmante, segurando a mão de CiCi na sua. — Diga-nos o que acha que aconteceu, e isso vai ajudar. Estamos aqui para a ajudar.

— Ela é um monstro. Tem sangue a escorrer dos olhos, e dentes afiados.

— Quem é um monstro?

— Parece a Macie, mas ela não é um monstro. Está tudo misturado.

— O que fez o monstro?

— Golpeou o Travis na cara. Agarrou no garfo da Macie e espetou-o no olho dele... oh Deus, oh Deus. Ela gritou, e era tudo uma loucura. Eu tinha vidro na mão, afiado, afiado, e dei golpes e golpes, e ela gritou, espancou-me. Dói! Tenho de a magoar, e a outra pessoa, a todas as pessoas, mas estou no chão, o meu braço... Está toda a gente aos gritos e há sangue por toda a parte. Depois acordei, e alguém estava a transportar-me. Para aqui. Uma ambulância. Não sei.

Lágrimas correram-lhe dos olhos.

— Não sei. Acho que matei alguém, mas não faz sentido. Por favor, encontrem a Macie. Ela é muito esperta. Ela há de saber o que aconteceu.

— Vamos experimentar de outra forma. O que estava a fazer mesmo antes de ver o monstro?

— Não há monstros, na realidade. Certo?

Oh, pensou Eve, mais do que conseguiríamos contar. Mais do que conseguiríamos nomear.

— Não se preocupe. Tente apenas lembrar-se do que aconteceu antes. A CiCi, a Macie, o Travis e o Bren. Tinham uma mesa no bar?

— Uma mesa. Sim. Tínhamos uma mesa. Era perto do bar. Quero dizer, do balcão no bar.

— Muito bem. Estavam todos a beber? É a *happy hour*. Que bebidas pediram?

— Ah, eu pedi vinho branco da casa. A Macie quis um *Pink Passion*. Os rapazes estavam a beber cervejas. E pedimos uma dose grande de nachos, para dividir. Mas eu tive receio de comer... muito... porque é fácil uma pessoa sujar-se. Não quis sujar-me. Afinal, era um encontro às cegas.

— Isso mesmo. Estavam a divertir-se, a relaxar depois do trabalho. Tomaram uma bebida juntos. E depois?

— Hum. Oh. Bem, estávamos a conversar e íamos pedir outra rodada de bebidas. Ah, eu e a Macie fomos à casa de banho. A fila não estava grande, o que foi bom. E falámos sobre ir jantar, e sobre eu convidar o Bren a ir a minha casa, se ele me quisesse acompanhar.

Agora os dedos moviam-se mais depressa no lençol, mais depressa, ao ritmo da respiração de CiCi, que se acelerara.

— Eu estava a hesitar, mas a Macie ficou... bem, um bocado irritada. Ela não costuma irritar-se. Mas disse que estava a ficar com dor de cabeça. E subimos as escadas. Ela devia realmente estar com dor de cabeça, porque empurrou um tipo que se pôs no seu caminho. Estava demasiado barulho,

demasiada luz, e ela estava a ser tão má. Voltámos a sentar-nos à mesa, e quis ver se tinha um analgésico, mas ela e o Travis começaram a gritar um com o outro. Raramente discutem, e nunca gritam, e eu também fiquei com dor de cabeça. Eles estavam aos gritos, e a minha cabeça doía, e o Bren parecia louco. Não sei. Depois a loucura instalou-se.

Eve fez mais algumas perguntas, tentando ajudá-la a recuar até àquele momento. Teria alguém entrado ou saído do bar mesmo antes do «monstro»? Mas a memória de CiCi dava voltas em torno de monstros e sangue. Eve e Peabody deixaram-na, novamente em lágrimas, ao cuidado da enfermeira.

O sobrevivente seguinte que Eve questionou manteve-se calmo, de um modo quase estranho. James L. Brewster, um contabilista que sofrera múltiplas facadas e ficara com várias costelas partidas. Um golpe hediondo rasgara-lhe a face esquerda, traçando um caminho denteado desde o olho até ao queixo, e uma violenta contusão erguia-se-lhe, como um pequeno vulcão, na testa larga.

Ele falava em voz baixa, as mãos pousadas ao lado do corpo, os nós dos dedos em carne viva cobertos com um gel espesso.

— Vou lá pelo menos uma vez por semana, é normal ter um encontro com um cliente depois do expediente. Trabalho na Strongfield & Klein, no departamento de contabilidade. Não era oficialmente aprovado, mas vários funcionários têm clientes por fora. Pequenas contas. Eu ia encontrar-me com uma nova cliente. Cheguei lá cerca de meia hora mais cedo, para adiantar algum trabalho e para me informar sobre a cliente. Isto interessa-lhe?

— Seria útil se nos desse o nome da cliente e o seu contacto.

— Claro. MaryEllyn... é só uma palavra, E maiúsculo, dois Y. Gerald. Não me lembro do seu contacto, mas está na minha agenda. Não sei onde ficou a agenda.

— Não há problema, senhor Brewster — sossegou-o Peabody.

— Acho que lá cheguei por volta das cinco e meia, talvez um pouco antes. Já me conhecem, e a empregada, a Katrina... não sei o apelido dela... tinha-me reservado a mesa pequena junto à janela, porque eu ligara mais cedo a dizer que ia levar um cliente. É a minha mesa habitual.

Fechou os olhos (as pálpebras pálidas, raiadas de azul) por um momento.

— Habitual. Nada é habitual, agora. Pedi um *latte* de soja e pus-me a rever a informação. Gosto de ter os dados mais pertinentes frescos na memória antes de uma reunião. O bar estava apinhado. Não é um sítio grande, sabe, mas é acolhedor e bem gerido. É por isso que gosto de lá ir, e gosto da

mesa pequena junto à janela. A Katrina trouxe-me o *latte*, e eu ia pedir-lhe um copo de água, porque de repente fiquei com uma dor de cabeça e queria tomar um analgésico. Foi então que vieram as abelhas.

— Abelhas? — repetiu Eve.

— Vespas, enormes. — O peito dele subia e descia, com uma respiração ofegante. — Mesmo enormes. Fui picado em criança, na quinta do meu avô, na Pensilvânia. Um enxame atacou-me, e ainda me lembro de como as vespas me picavam e zuniam e picavam enquanto eu fugia. Tenho um medo de morte de vespas. Pode parecer tolice, mas...

— Não — interrompeu-o Peabody. — Não parece.

Ele sorriu-lhe com gratidão, mas o seu peito continuava a oscilar, rápido, mais rápido.

— Acho que saltei da cadeira. Fiquei tão sobressaltado de ver as vespas, tentei enxotá-las. E depois... deve ter sido uma alucinação, porque a Katrina abriu a boca e um enxame de vespas saiu de lá. É de loucos. Devo ter entrado em pânico. As vespas saíam-lhe da boca, e os olhos dela mudaram, o seu corpo. Foi como se... eu sei que é uma coisa louca de se dizer, mas foi como se ela se tornasse numa vespa enorme. Como num filme de terror. Isto não pode ser útil.

— Tudo aquilo de que se lembrar — assegurou-lhe Eve —, seja o que for.

— Empregadas de mesa bonitas não se transformam em vespas gigantes. Mas parecia real, terrivelmente real. Havia gritos, e zunidos, e estava tudo louco. Acho, não tenho a certeza, mas acho que peguei na cadeira e que lhe bati com ela. Nunca bati em ninguém na minha vida, mas acho que bati na Katrina com a cadeira, e tentei fugir, mas as vespas estavam a picar-me. Era como se me apunhalassem, e uma delas deu-me uma ferroadinha na cara. Caí. As vespas cobriram-me o corpo, mas devo ter desmaiado. Quando acordei, havia pessoas estendidas por toda a parte, sangue por todo o lado. E tinha alguma coisa... alguém... em cima de mim. Acabei por empurrá-lo. Estava morto. Dava para ver que estava morto. As pessoas estavam mortas. Depois a Polícia chegou e encontrou-nos.

» Não sei o que aconteceu à Katrina. Ela é tão jovem. Quer ser atriz.

Quando saiu da sala, Eve deteve-se um momento a avaliar as opções.

— Vamos ver se consegues falar com alguns dos outros sobreviventes — disse a Peabody. — Se conseguires, quero relatórios pormenorizados. Quero uma linha cronológica sólida. Vou à morgue ver o que o Morris nos pode dizer.

— Não vi vespas, gigantes ou outras, na cena do crime. Nem demónios.

O que levaria as pessoas a terem alucinações destas, e tão intensas, durante um período tão breve?

— É melhor descobrirmos. Relatórios pormenorizados — repetiu — de tudo o que temos até agora, de tudo o que conseguires saber. Ele ainda não tinha sido servido — murmurou.

— Quem? O Brewster?

— A empregada trouxe-lhe o *latte*, foi o que ele disse, e as vespas apareceram. Portanto, a alucinação surgiu antes de ele ter bebido ou comido o que quer que fosse. Não foi algo ingerido. Encontramo-nos na Central.

Eve contactou Feeney ao sair do hospital.

— Alguma novidade?

— Temos pessoas a entrar, a sair, o que esperamos ver numa câmara exterior. Uma mulher de fato, cerca de trinta e cinco anos, sai às 17h22. Duas mulheres entram dez segundos mais tarde. Um casal, na casa dos vinte, sai a discutir, e parece uma discussão má. Ela vira-lhe as costas e afasta-se a passo rápido. Ele chama-a, depois parece que vai voltar para o bar, mas muda de ideias e toma a mesma direção que ela. Isto foi filmado às 17h29. Às 17h32, dois executivos saem, separam-se, um segue para norte, outro para sul.

— Precisamos do reconhecimento facial de todos eles.

— Vamos tratar disso. Nos *links* que estamos a analisar vemos muitas pessoas que começam a falar tranquilamente e depois começam a gritar ou a praguejar. Temos alguns áudios, e não é bonito. Não nos diz muito.

— Vou agora para a morgue, talvez o Morris já saiba alguma coisa. Traz tudo o que tiveres para a reunião. Depois fazemos a triagem.

— Já chegou aos *media*, Dallas. Demasiada gente, demasiados polícias, médicos, observadores para manter a tampa fechada. Ninguém sabe pormenores. Para já, apontam para um possível ataque de gangue ou uma rixa de bar que correu muito mal.

— Ficamo-nos pelo «nada a comentar» até sabermos que rumo seguir, e precisamos de conter as fugas nos Homicídios e na DDE.

— Certo. O teu homem deu-nos a lista de funcionários e de quem estava de serviço. Está ele próprio a encarregar-se dos dispositivos do pessoal. — Feeney fez uma pausa, olhou por cima do ombro como se quisesse certificar-se de que mais ninguém o ouvia. — Ninguém diz aquilo que toda a gente está a pensar.

Terrorismo. Eve anuiu.

— Então não vamos dizê-lo ainda. Depois falamos.

Os factos primeiro, disse para consigo, já sentada ao volante. Indícios,

seqüências temporais, nomes, motivos. Trabalhar o caso, um passo de cada vez.

CiCi Way e os seus amigos, um grupo de quatro, a tomarem *cocktails* e aperitivos. As mulheres vão à casa de banho, regressam. E a amiga de CiCi transforma-se num demónio e espeta um garfo na cara do namorado.

Brewster, sozinho. Entra, senta-se à sua mesa habitual, não consome nada, e a empregada de mesa assume a forma duma vespa gigante.

Um bar repleto de executivos e funcionários administrativos converte-se num campo de batalha com armas improvisadas durante, ao que parecia, cerca de doze minutos. Resultado: mais de oitenta mortos.

Ambos os sobreviventes interrogados relataram uma súbita dor de cabeça, e ambos tinham a memória enevoada, mas sem sinais de alucinações contínuas.

Por agora, pensou Eve. Não havia como saber se o que provocara as alucinações poderia ocorrer de novo.

Entrou na morgue. O longo túnel branco, habitualmente silencioso, latejava e ecoava com atividade. Eve viu batas de laboratório e equipamento protetor, caras consternadas, pés apressados. O cheiro da morte pairava, ainda fresco, ainda ensanguentado, enquanto Eve se dirigia para a sala de autópsia de Morris.

Estavam três corpos sobre as mesas, devia haver mais empilhados algures. Morris usava uma capa transparente de trabalho sobre a camisola e as calças, e tinha algo suave e pesaroso a tocar nas colunas de som. As suas mãos seladas estavam cobertas de sangue.

— Noite movimentada — comentou ele. — Adoramos o nosso trabalho, tu e eu, à nossa maneira estranha e retorcida. Mas isto? Isto põe à prova a nossa determinação, até a nossa dedicação.

Delicadamente, pousou um cérebro numa balança, que programou para análise.

— Tantos mortos — continuou —, e por desígnio de quem? O que poderia levar alguém a querer que tantas pessoas, estranhas, muitas delas estranhas, sem dúvida, se matassem umas às outras?

— Foi isso que aconteceu? Podes confirmá-lo?

— A nossa vítima número dois... — Apontou. — Tem carne debaixo das unhas, nos dentes... não a sua própria carne. O número um, nem todo o sangue é dele, e o número três? Tem golpes profundos na palma da mão, nos dedos. Mão direita. Os cortes foram feitos por um pedaço de vidro que alguém agarrou assim.

Morris fechou o punho como se segurasse uma faca.

— Isto cortou-lhe a mão até ao osso. Tenho colegas a examinar outros corpos, e os relatórios vão no mesmo sentido. Ferimentos ofensivos e defensivos, arranhões, carne e sangue debaixo de unhas, em dentes, marcas de dentadas, algumas delas selvagens. Já encontrámos carne humana em alguns esófagos.

— Valha-me Deus.

— Ou qualquer outra divindade que queiras nomear. — Foi até um lavatório para tirar o sangue e só Deus sabia o que mais das suas mãos seladas. — A tua especulação no local sobre a causa da morte destas três vítimas e a hora dos óbitos está correta. A minha opinião?

— Por favor.

— A causa específica da morte não será tão importante como saber o que tornou pessoas provavelmente comuns em selvagens. Facadas, espancamentos, golpes, asfixia, ossos e crânios partidos ou esmagados. É uma variedade bem feia, Dallas.

— Continuamos a precisar das vítimas, de cada uma delas.

— Entendido.

Intrigada, Eve levantou a mão direita do número três, examinou o golpe largo, profundo.

— Uma ferida destas devia tê-lo feito gritar como um bebé e largar o vidro.

— Devia, sim.

— Preciso de relatórios toxicológicos, tantos e tão depressa quanto possível.

— Igualmente entendido. Temos estado a apressar o processo. O laboratório não está contente connosco.

— O Dickhead² que se lixe.

Os lábios de Morris curvaram-se num misto de divertimento e solidariedade.

— Ele está a sofrer dum desgosto de amor, ouvi dizer.

— Sofre de merdice na cabeça a maior parte do tempo.

— Verdade, infelizmente. Seja como for, ele e vários dos seus melhores funcionários vieram trabalhar para nós, e já temos os primeiros relatórios, com dados que aprofundam o que conseguimos apurar.

» A versão rápida? — perguntou, depois de uma pausa. — Ou a científica e complexa?

² Idiota, em português. Também alcunha de Dick (Dickie) Berenski. (N. de T.)

— A rápida, por agora.

— Todas as amostras de todas as vítimas que examinámos acusaram vestígios de um complicado *cocktail* de químicos, nas mucosas nasais, na pele, boca e garganta, e no sangue.

— Foi algo que inalaram. Via aérea.

— Foi algo que inalaram — concordou Morris. — O *cocktail* tem uma adulteração de Zeus e LSD numa forma apurada, uma forma que eu nunca tinha visto. E acrescentaram Rush, mescal, adrenalina e testosterona sintéticas, mais um ou dois elementos que não consigo identificar claramente.

— Isso não é um *cocktail*. É um maldito guisado.

— Sim, tens razão. Medido, misturado e cozinhado — murmurou Morris —, para produzir um vírus de ação rápida. Na minha opinião, esta estranha receita poderia levar alguém a ter alucinações com reações violentas.

Eve olhou para a Vítima Um: Joseph Cattery, recordou-se. Ou o que restava dele.

— Achas?

Ele esboçou um sorriso.

— O resultado disso? A exposição a uma tal combinação de substâncias deixaria uma pessoa doida varrida. Tenho de assumir que os elementos que não consegui identificar são responsáveis, pelo menos em parte, pela rapidez da infeção.

— Não dura muito. A linha cronológica aponta para cerca de doze minutos.

— É tempo suficiente. Como a droga foi libertada, como o perpetrador escapou aos seus efeitos, se é que escapou, e por que razão os sintomas desaparecem ao fim de tão pouco tempo são perguntas para as quais não tenho resposta, pelo menos por agora.

— Libertada por via aérea? — Um espaço interior, pensou Eve. Pessoas a sair e a entrar, um homem e uma mulher a discutir à saída.

Estariam infetados?

— Ninguém relatou ter visto uma nuvem de loucura a pairar — disse Eve. — Lançado para o ar, transportado pelo ar, infeção por inalação e toque? Em dois pisos, em espaços fechados como a cozinha, as casas de banho. Mas não no exterior, tanto quanto sabemos. Quem pensa numa merda destas?

— Essa será a tua área, ou da Mira. Posso dizer-te que estas três pessoas eram razoavelmente saudáveis quando acordaram esta manhã. Todas

tinham consumido álcool e comida nos vinte minutos que antecederam a sua morte. Nenhuma delas apresenta sinais de consumo prévio de estupefacentes. Todas têm ferimentos ofensivos e defensivos.

— E os cérebros? — Eve apontou com o queixo o cérebro que ainda aguardava pacientemente na balança. — Quando lidámos com aqueles suicídios por controlo da mente, as vítimas tinham uma espécie de queimadura no cérebro.

— Não há nada disso aqui. — Morris dirigiu-se para o computador, abriu o ficheiro com as análises completas. — Não nestes três, nem noutros de que eu tenha recebido relatórios. Vamos fazer mais testes, mas, para já, parece que a substância não causou danos permanentes para além de uma morte violenta.

— O que é permanente como a porra. — Eve enfiou as mãos nos bolsos, observou mais uma vez os corpos. — Preciso de todo e qualquer dado novo que encontres, logo que o encontres.

— Achas que este é o primeiro incidente, mas não o último?

— A não ser que isto tenha sido uma forma retorcida de suicídio e que quem o fez esteja numa das tuas gavetas, sim. Correu tão bem, porquê parar agora?

— Então vamos esperar que ele esteja aqui. Caso contrário... qualquer pessoa, em qualquer lugar, a qualquer momento.

Um homicídio podia acontecer a qualquer pessoa, em qualquer lugar, a qualquer momento, pensava Eve, enquanto conduzia para a Central de Polícia. Já vira o pior que as pessoas faziam umas às outras por amor, dinheiro, poder, vingança. Ou só porque sim. Mas o homicídio em massa pintava um quadro mais negro, e usar as vítimas como armas era obra de uma mente particularmente distorcida.

Morris tinha razão. Aquele era o território de Mira, e Eve tinha de chamar quanto antes a melhor psicóloga criminal do departamento. Viu as horas, abanou a cabeça e ligou para casa da doutora Charlotte Mira.

— Eve. — A cara bonita e serena de Mira encheu o ecrã. — Em que posso ajudar?

— Houve um incidente — começou Eve.

— Vimos vários noticiários. Múltiplo homicídio num bar da Baixa.

— Foi esse o incidente. Custa-me perturbar a sua noite, mas preciso de si na Central. Vamos ter uma reunião. É um Código Azul. Não vamos conseguir mantê-lo por muito tempo, mas para já é assim.

— Vou já para lá.

— Certo. — Eve pensou em Dennis Mira, com as suas meias desencontradas, os olhos bondosos. — Ah, o senhor Mira está em casa?

— Sim. Está aqui mesmo.

— Talvez lhe possa dizer para não sair. Por precaução.

— Eve, é muito mau?

— Não sei ainda. É esse o problema. Ponho-a ao corrente quando nos encontrarmos.

Acabava de desligar quando outro pensamento a invadiu. A sua amiga Mavis, Leonardo, a bebé. Podia contactar Mavis, dizer-lhe para manter a sua família em casa. Mas por quanto tempo?

Para se acalmar, enviou uma rápida mensagem de texto logo que estacionou no seu lugar de estacionamento na Central.

Não posso falar, não posso explicar. Fica em casa até eu te contactar.

Depois pensou na sua cidade, nos milhões de pessoas que ali se encontravam. A irem a bares, restaurantes, lojas, museus, teatros. A usarem o metro, os autocarros, os comboios.

Não havia forma de os proteger a todos, e nunca houvera. Mas a não ser que um dos corpos na casa de Morris tivesse causado mais de oitenta mortes, outras pessoas perderiam a vida.

Em qualquer lugar. A qualquer momento.